

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

TUANE DOS SANTOS NOVELLI

ENCONTROS COM A ARTE NO ASILO: AMOR, LEMBRANÇAS E SAUDADES

CRICIÚMA

2012

TUANE DOS SANTOS NOVELLI

ENCONTROS COM A ARTE NO ASILO: AMOR, LEMBRANÇAS E SAUDADES

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciada no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof^a. Ma. Édina Regina Baumer

CRICIÚMA

2012

TUANE DOS SANTOS NOVELLI

ENCONTROS COM A ARTE NO ASILO: AMOR, LEMBRANÇAS E SAUDADES

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciada, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 27 de Novembro de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Édina Regina Baumer - Mestre - UNESC - Orientadora

Prof. Isabel Cristina Marcilio Duarte – Especialista - UNESC

Prof. Maria Marlene Milaneze Just - Especialista - UNESC

Dedico a você que me trouxe ao mundo e sempre esteve ao meu lado em todos os momentos de minha vida: minha amada mãe.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por ter me concedido a graça divina que é a vida e por sempre ter atendido os meus pedidos.

Agradeço a ele, que ajudou a plantar a semente para que eu viesse ao mundo, meu pai, que apesar de não morarmos mais juntos, é e sempre será um pai maravilhoso. Te amo muito meu pai!

Ao meu irmão, que sempre que precisei me ajudou de alguma maneira ou emprestando o carro para poder vir estudar, ou me carregando para baixo e para cima. Às vezes emburrado, mas sempre esteve ali. Te amo muito, cabeção!

Àquelas amigas maravilhosas que são indispensáveis na minha vida, Camila, Mônica, Diana, Carol, Ana Claudia, Bruna, Ruana e ao meu amigo Patrick. A vocês, eu agradeço imensamente por terem cruzado meu caminho. Apesar do pouco tempo que temos para nos encontrar, quero que tenham certeza que sempre serão essenciais em minha vida. Amo vocês!

Àqueles que comigo estudaram durante todos esses anos, em diferentes turmas pelas quais passei, sempre me ajudando no período acadêmico. Em especial, queria agradecer muito à Luana, Débora e Taíse, que pude ter a honra de conhecer durante este percurso e que se mostraram pessoas de um coração sem tamanho. Obrigada!

Ao meu namorado, que sempre fez dos meus dias mais felizes, me fazendo esquecer um pouco desse “bichinho” que chamamos de TCC.

Queria agradecer também à secretária Elen, que por mais que ela não saiba, faz de minhas tardes na UNESC, mais alegres. Obrigada pelas conversas, fofocas jogadas fora e por sempre me ajudar quando preciso. És uma ótima pessoa!

A todos os professores do curso, que sempre estiveram à minha disposição para as dúvidas encontradas.

Um imenso agradecimento também para minha orientadora Édina Regina Baumer, que aceitou minha pesquisa e esteve ao meu lado durante esse percurso, acrescentando em minha vida novos conhecimentos e se mostrando cada vez mais uma pessoa maravilhosa. Em minha opinião, és uma das melhores professoras desta universidade. Muito obrigada, minha mestre!

Por fim, a ela, minha mãe. Para essa me faltam palavras. A peça fundamental de toda minha vida. A pessoa que sempre lutou para que eu chegasse

até aqui. Que se esqueceu de seus sonhos, para lutar pelos meus. É com ela que durmo, acordo, tomo café, almoço, brigo, sorrio. Mãe, esse mérito é nosso. Tu és um anjo que Deus me deu e espero que um dia consiga te retribuir ao menos a metade do que fazes por mim. Minha vida é tua vida. Te amo imensamente.

Mais uma vez, obrigada a todos que de coração acreditaram em minha capacidade e se demonstraram companheiros pra finalizar mais essa etapa de minha vida.

**“Quando tudo no mundo é mocidade,
Verde a árvore, moça a natureza;
E cada ganso te parece um cisne,
E cada rapariga uma princesa;**

**Venham minhas esporas, meu cavalo!
Vou correr mundo em busca da alegria!
O sangue moço quer correr, ardente,
E cada criatura quer seu dia...**

**Nas frias tardes da velhice, quando
é parda toda a árvore que vive;
em que todo desporto é já cansaço,
e toda a roda corre no declive;**

**oh! Volta à casa, busca o teu cantinho,
vai, mesmo assim, cansado e sem beleza:
lá acharás o rosto que adoravas
quando era jovem toda a natureza”**

KINGSLEY

RESUMO

Antes de iniciar minha vida acadêmica no curso de Artes Visuais, tinha o sonho de atuar em alguma área que viesse a trabalhar com pessoas idosas. Com o passar do tempo pude ver que também poderia trabalhar com idosos de uma maneira diferenciada e alegre a partir dos aprendizados do curso. Assim, para esta pesquisa elenquei como elementos principais a arte e o idoso, abordando o seguinte problema: a memória cultural do grupo de idosos do Lar Beneficente São Vicente de Paulo, no município de Araranguá - SC é considerada em suas experiências estéticas? A presente pesquisa teve como objetivo conhecer as oportunidades de experiências estéticas que os idosos do Lar Beneficente São Vicente de Paulo possuem e se essas contemplam suas memórias culturais. Para atingir este objetivo, optei por uma pesquisa básica, exploratória, com abordagem qualitativa sobre os dados coletados na pesquisa de campo por meio de entrevistas semiestruturadas. O referencial teórico envolveu estudiosos que versam sobre o asilo como: Araújo et al (2010), educação em espaço não formal trago alguns autores como Gohn (2006) e Brandão (1981) e sobre estética e memória cultural Zanella et al (2007), Pareyson (2001), Bosi (2001) e Pollak (1992). Os resultados mostraram que nas experiências com a arte nesse asilo, os idosos têm espaço para resgatar suas memórias culturais. Dessa maneira pude concluir que todas as instituições com essa função devem oportunizar momentos em que os idosos possam realizar suas experiências estéticas, contribuindo assim para sua qualidade de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Arte. Idosos. Asilo. Experiências estéticas.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 10 |
| 2 O ASILO E SUAS POSSIBILIDADES DE EDUCAÇÃO ESTÉTICA | 12 |
| 2.1 OS ASILOS | 12 |
| 2.2 O LAR BENEFICENTE SÃO VICENTE DE PAULO..... | 14 |
| 3 AS EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS E A MEMÓRIA CULTURAL NO ASILO: UM EXEMPLO DENTRO DA EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL | 17 |
| 3.1 EDUCAÇÃO EM ESPAÇO NÃO FORMAL | 17 |
| 3.2 EDUCAÇÃO ESTÉTICA..... | 18 |
| 3.3 MEMÓRIA CULTURAL | 21 |
| 4 INVESTIGANDO AS EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS NO ASILO | 24 |
| 5 PROJETO DE CURSO: EXPERIENCIANDO ENCONTROS COM A ARTE NO ASILO | 30 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 32 |
| REFERÊNCIAS | 34 |
| APÊNDICE(S) | 38 |
| APÊNDICE A – perguntas aplicadas aos entrevistados | 39 |

1 INTRODUÇÃO

Antes de iniciar minha vida acadêmica no curso de Artes Visuais, tinha o sonho de atuar em alguma área que viesse a trabalhar com pessoas idosas. Uma das primeiras escolhas feitas por mim quanto ao curso que iria fazer foi a opção da Fisioterapia, pois nessa profissão sabia que poderia vir a atuar com esse público.

Os dias foram passando, mais cursos foram aparecendo como possibilidade, fazendo com que incertezas surgissem. Foi então que conheci uma amiga que cursava Licenciatura em Artes Visuais na UNESC. Vendo minha dúvida, falou sobre o curso e as oportunidades que ele oferecia. Foram dias de angústia sobre a escolha que iria mudar minha vida, afinal, é muito difícil nos dias de hoje escolher a profissão correta e que acima de tudo, combina conosco.

Ao entrar na universidade fui conhecendo o curso e me identificando com ele cada vez mais, pois além de o curso oferecer várias oportunidades de trabalho, pude ver que também poderia trabalhar com idosos de uma maneira diferenciada e alegre.

Sendo assim, estou realizando uma pesquisa que coloque como elementos principais a arte e o idoso abordando o seguinte problema: A memória cultural do grupo de idosos do Lar Beneficente São Vicente de Paulo, no município de Araranguá, é considerada em suas experiências estéticas?

Concordo com Buoro (1996, p. 20) quando nos diz que “a Arte é uma forma de o homem entender o contexto ao seu redor e relacionar-se com ele”. Dessa maneira, é necessário conhecer um pouco sobre as experiências estéticas desenvolvidas pela instituição e para que isso aconteça, trago como questões norteadoras: O que lembram os idosos do Lar Beneficente São Vicente de Paulo sobre as manifestações artístico-culturais no decorrer de suas vidas? Os idosos têm oportunidades de vivenciar a arte no asilo? De que forma e com que frequência? Essas experiências estéticas incluem a memória cultural dos idosos?

A presente pesquisa tem como objetivo conhecer as oportunidades de experiências estéticas que os idosos do Lar Beneficente São Vicente de Paulo possuem e se essas contemplam suas memórias culturais.

Nesse sentido, é importante sistematizar conceitos sobre o ensino da arte e possibilitar reflexões, novos caminhos e descobertas que venham somar em meu repertório de conhecimentos adquiridos no curso, pois concordo com Goldenberg (2004, p.13) quando nos diz que pesquisa “não se reduz a certos procedimentos metodológicos. A pesquisa científica exige criatividade, disciplina, organização e modéstia, baseando-se no confronto permanente entre o possível e o impossível, entre o conhecimento e a ignorância”.

A pesquisa aborda o assunto atendendo a linha de pesquisa Educação e Arte, do curso de Artes Visuais Licenciatura, que trata de “princípios teóricos e metodológicos sobre educação e arte. Linguagens artísticas e suas relações com a prática pedagógica. Estudos sobre estética, semiótica, identidade, cultura e suas implicações com a arte e a educação” (UNESCO, 2009, p. 2). Quanto à natureza, se insere na linha de pesquisa básica, pois “objetiva gerar conhecimentos novos e úteis para o avanço da ciência, sem aplicação prática prevista, envolvendo verdades e interesses universais” (SILVA, 2001, p. 20).

Quanto aos objetivos, a pesquisa se caracteriza como exploratória, buscando maior familiaridade com o problema, podendo envolver levantamento de dados e entrevistas, de acordo com Gil (1991). Quanto aos procedimentos técnicos, se insere na pesquisa de campo com a utilização de entrevistas com cinco idosos entre 60 e 96 anos, do Lar Beneficente São Vicente de Paulo, sendo que na análise dos dados, a abordagem foi qualitativa. Ao mesmo tempo, conversamos com a auxiliar administrativa do Lar, indagando sobre as oportunidades de vivências artísticas oferecidas a esse grupo.

A pesquisa está dividida em capítulos, apresentando como referencial teórico algumas informações sobre o asilo e suas possibilidades de educação estética, educação em espaço não formal, estética e memória cultural. Os principais autores, estudiosos sobre o assunto foram Bartholo (2005), Gohn (2006), Brandão (1981), Pareyson (2001), Pino (2007), Vygotsky (2001), Zanella (2006), Bosi (2001) e Pollak (1992).

Com relação à pesquisa de campo, registramos os resultados mais relevantes da entrevista semiestruturada, realizada com os idosos e analisamos esses dados à luz do referencial teórico, acrescentando Rodrigues (2000), Simões (2006) e Passos (2002).

2 O ASILO E SUAS POSSIBILIDADES DE EDUCAÇÃO ESTÉTICA

2.1 OS ASILOS

Asilos são abrigos para pessoas órfãs, crianças, idosos e pessoas com um alto índice de pobreza. No entanto, devido a todas essas funções, houve o surgimento de outros “nomes” para relacionar diretamente ao lugar onde os idosos podem passar a viver, tais como: lar, casa de repouso, clínica geriátrica e ancionato, funcionando em tempo integral aos idosos para favorecer sua permanência na comunidade de origem. De acordo com Bartholo (2003), o asilo tem o sentido de abrigo e recolhimento, que são mantidos usualmente pelo poder público ou grupos religiosos. Algumas dessas instituições ampliam o olhar voltado para o envelhecer, oferecendo, além de cuidados a saúde do corpo, também alguns cuidados relacionados à saúde psíquica, bem-estar emocional e principalmente para a qualidade de vida de cada um.

Foi-se o tempo em que se falava que asilo era depósito de velhos. Hoje em dia, ainda podemos nos deparar com algumas situações desagradáveis, mas muita coisa já mudou.

As pessoas que vivem em um asilo acabam se tornando membros de uma nova comunidade, podendo assim se relacionar e conhecer pessoas que passam pela mesma condição de vida que está sendo estabelecida para elas, nessa fase da vida.

É de extrema importância conhecer melhor este segmento de institucionalização para idosos e conseqüentemente quando inevitável a internação para que se torne uma alternativa que proporcione dignidade e qualidade de vida, a instituição tem que romper com sua imagem histórica de segregação e se tornar uma saída, uma opção, na vida dos idosos (ARAÚJO et al, 2010, p. 254).

Podemos perceber que a população idosa está crescendo cada vez mais, com previsão de aumento do percentual para os próximos anos: “De acordo com o U.S Censos Bureau, em 2030, haverá em todo o mundo, média de 21% de pessoas com menos de 18 anos e 22% de pessoas com mais de 65 anos de idade” (OLIVEIRA et al, 2006, p.8).

Dessa maneira, pelas previsões, o planeta passará a ser mais habitado por idosos do que por crianças, jovens ou adultos. Com tudo isso, devemos nos preocupar mais com essa população cujas necessidades e características muitas vezes passam despercebidas pelos nossos olhares, embora o estatuto do idoso afirme que:

É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 2009, p.8).

O idoso e sua condição de vida é uma realidade que devemos enfrentar com muita sabedoria e educação, afinal serão sempre nossos *educadores para a vida*. Para Vieira (1996, p. 52) “a velhice é um fenômeno do processo de vida que, assim como a infância, adolescência e a maturidade, são marcadas por mudanças biopsicossociais específicas, associadas à passagem do tempo”. A velhice é um processo natural e dependendo de sua capacidade, o convívio social, a prática de exercícios e o incentivo aos fazeres artísticos podem ajudar nessa etapa de vida.

Conforme Terra e Dornelles (2003, p. 98),

A pessoa idosa, ao tomar consciência dessa fase da vida que está vivendo, com todas as dificuldades e possibilidades que a envolve, necessita encontrar meios ou caminhos para se realizar. Também tem que desenvolver estratégias para se adaptar ao novo ritmo de vida, mudanças provenientes do contexto familiar, social, laboral e aproveitar suas habilidades e capacidades para poder lidar com as novas situações.

Por muito tempo o asilo foi visto como sinônimo de abandono dos familiares. Hoje podemos perceber a importância dessa instituição que oferece abrigo e cuidado para os idosos. Nesse tipo de instituição, eles têm a opção de terem preservados a sua dignidade e seu suporte físico e emocional.

2.2 O LAR BENEFICENTE SÃO VICENTE DE PAULO

O Lar Beneficente São Vicente de Paulo é uma instituição localizada na principal avenida da cidade de Araranguá- SC, que oferece abrigo para pessoas idosas, com o intuito de dar assistência, carinho, conforto e acima de tudo, uma “nova família” para os idosos desamparados e mais necessitados.

No documento que conta a história da instituição, encontramos que “a comunidade Jardim das Avenidas era o jardim mais triste do mundo porque lá quase não havia ‘flores’. E jardim sem flores é triste. Hoje, muita coisa já mudou pela presença das Irmãs e também das lideranças leigas” (LAR BENEFICENTE SÃO VICENTE DE PAULO, 2006, p.100).

O lar foi fundado em 24 de junho de 1978 e inaugurado no dia 16 de outubro de 1993¹.

Analisado com os olhos da fé e à luz do agir de mãos generosas e solidárias, todo o processo promocional que ali se desencadeou, podemos perceber o surgir e o desenrolar de bonitos gestos de acolhida e partida, quais facetas luminosas do carisma da Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição e do sentir de generosos cristãos que vivenciam sua vocação humana, à luz dos clamores da sociedade hodierna (LAR BENEFICENTE SÃO VICENTE DE PAULO, 2006, p. 4).

A instituição é dividida em duas alas para dormitórios, sendo uma feminina e outra masculina. Conta também com uma grande sala de estar, uma sala de TV, salão de beleza, enfermaria, salão de festas, sala de ginástica, sala de fisioterapia, capela, duas cozinhas, dois refeitórios, dois almoxarifados, lavanderia, seis banheiros, um quarto para funcionários, dois escritórios, churrasqueira, cancha de bochas, além de um imenso espaço externo, com um belo jardim, horta e pomar com muitas frutas, onde os idosos podem ficar a vontade para passear e conversar.

Conta também com ajuda de vinte funcionários, para atender os trinta e três idosos que residem no lar.

¹O lar foi fundado a partir do primeiro dia de construção. Ele foi feito em partes e até hoje passa por modificações acrescentando novos espaços.

Esse espaço tem vista para avenida, oportunizando aos idosos que fiquem um pouco em contato com o que acontece fora do Lar, no dia-a-dia da cidade, naquela região.

O lar oferece ainda atividades para os idosos, divididas por cada dia da semana, sendo a segunda-feira o dia da beleza, onde todos podem cortar cabelo, fazer barba, arrumar as unhas, cuidar de sua aparência.

Na terça-feira pela manhã os idosos tem aula de alfabetização. Nesse encontro, eles possuem aula específica para pintar, desenhar, fazer colagens e recortes, trabalhando a coordenação motora, entre outras habilidades. Na quarta-feira realiza-se a missa com o padre e membros da comunidade, às 16h e na quinta, no período da tarde, acontece a oficina terapêutica com uma psicóloga contratada pelo lar. A cada encontro, ela estabelece um tema e encaminha a proposta e, segundo a auxiliar do Lar, Eli, todos os encontros são diferenciados. Há também no mesmo dia, o encontro chamado clube de mães, somente para ala feminina do lar.

Na sexta-feira, é realizada a tarde dançante com João Medalha, músico da cidade e leva aos idosos muita alegria, fazendo-os lembrar dos tempos passados, com seus repertórios musicais antigos.

Dentre todas essas atividades, alguns idosos também participam do Clube da terceira idade que fica fora do lar e também são levados para passeios, onde relaxam o corpo, se distraem e renovam a mente.

Diante de todas essas possibilidades de vivência, ressalta-se o problema desta pesquisa que interroga se a memória cultural do grupo é considerada em suas experiências estéticas.

Antes, porém, trago a descrição de uma conversa com a auxiliar administrativa Eli Tiscoski Pereira, pedagoga, que trabalha no Lar Beneficente São Vicente de Paulo há 4 anos e 2 meses, acompanhando os idosos e os profissionais que lidam com eles.

Eli foi a primeira pessoa com quem conversei dentro da instituição, fazendo com que meu trabalho pudesse ser continuado, sem nenhuma preocupação. Sempre à minha disposição para qualquer dúvida, onde também pude perceber o seu grande respeito pelos idosos.

No primeiro momento da conversa com Eli, fiz algumas perguntas envolvendo a arte e logo percebi sua preocupação com esse público com quem

trabalho. Em dezembro de 2011, fez seu trabalho para conclusão de curso relacionado aos idosos do lar, onde trazia como tema o idoso e a qualidade de vida. Ela cita o seguinte: “este trabalho de conclusão nasceu a partir das percepções e sentimentos no qual o idoso vem constituindo, resultante de sua saúde e sua qualidade de vida, vivenciada em uma instituição asilar” (PEREIRA, 2011, p. 39).

Em todos os momentos que estive dentro da instituição, Eli sempre estava presente fazendo seu papel de auxiliar e, muito além disso, de um ser humano que se preocupa com o bem-estar de cada “*paciente*” que ali se encontra.

Eli ainda ressalta sobre as atividades realizadas dentro da instituição, trazendo aos idosos, uma maneira de não deixá-los cair na rotina, proporcionando-os condições especificamente básicas para melhoria de vida.

Durante o tempo que estou no Lar como funcionária percebo que o Lar apresenta algumas atividades direcionadas aos cuidados higiênicos, apresentadas aos idosos como recreação, manicure, pedicure, corte e pintura de cabelo. Estas atividades auxiliam na auto-estima e contribuindo para diminuir a solidão, a depressão, por estarem em contato com outras pessoas, recebendo atendimento, mantendo ativa sua vaidade, sua beleza, seus cuidados estéticos. Atividades artísticas como a dança e jogos são favorecidas, porém não de forma sistemática (PEREIRA, 2011, p. 39).

Outros tipos de atividades como passeios, eventos sociais, datas comemorativas, visitas aos amigos e familiares, dentre outras, são também proporcionadas aos idosos.

3 AS EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS E A MEMÓRIA CULTURAL NO ASILO: UM EXEMPLO DENTRO DA EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL

3.1 EDUCAÇÃO EM ESPAÇO NÃO FORMAL

A educação em espaços não formais acontece, predominantemente fora dos espaços escolares, mas com o objetivo de desenvolver atividades educativas formais, segundo Parreira e Jose Filho (2010). Essas atividades podem acontecer em instituições como museus, bairros, associações, em grupos de estudos, grupos de jovens, clubes de mães e têm a característica de ter sempre um objetivo definido. Segundo Gohn (2006):

A educação não formal designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor. (GOHN, 2006, p. 28).

Para este trabalho de conclusão de curso, destacamos a última dimensão citada por Gohn (2006) porque a arte oportuniza o conhecimento de si mesmo e a relação com o outro, com o mundo. Segundo ZANIN (2004, p. 59):

A definição de arte nunca satisfaz a todos. A arte é uma dessas coisas que, como o ar ou o solo, estão por toda a nossa volta, mas que raramente nos detemos para considerar. A arte não é apenas algo que encontramos nos museus e nas galerias de arte, ou em antigas cidades como Roma, Paris, Florença.

Assim, a arte faz parte dos processos de ensino e aprendizagem, sejam eles em espaços formais ou não formais. É de extrema importância destacar aqui que esses dois espaços podem caminhar juntos, na medida em que o ensino formal pode valorizar os espaços não formais e suas possibilidades de conhecimento.

Para entender melhor a educação não formal, apontada por Gohn (apud FALCÃO, 2009, p. 18):

a educação formal é aquela desenvolvida na escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização – na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não-formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianos.

Sendo assim, podemos perceber que a educação não formal pode ajudar a desenvolver nossa capacidade criativa e a nos reconhecemos enquanto sujeitos ativos dentro daquilo que estamos praticando.

No entanto, considerando que grande parte dos conhecimentos adquiridos pelas pessoas acontece em espaços fora da instituição escolar faz-se necessário observar que:

[..] a educação está presente em casa, na rua, na igreja, nas mídias em geral e todos nós nos envolvemos com ela, seja para aprender, para ensinar e para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver todos os dias misturamos a vida com educação. Com uma ou várias. Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar em que ela acontece; o ensino escolar não é a única prática, e o professor profissional não é seu único praticante. (BRANDÃO 1981, p. 64).

Podemos então pensar que a educação se constrói através de encontros, diálogos e respeito um com o outro. Assim, devemos começar a valorizar a educação em espaços não formais – como nos asilos para idosos – oportunizando a diferentes públicos ficarem mais próximos do aprender a fazer e a ser, ao mesmo tempo em que se encontram em suas atividades cotidianas.

3.2 EDUCAÇÃO ESTÉTICA

A estética como forma de aprendizagem nos possibilita novos olhares e conhecimentos sobre o que vimos acontecer e que de alguma forma vivenciamos. Segundo Abbagnano (2000, p. 367), estética é um substantivo que “designa qualquer análise, investigação ou especulação que tenha por objeto a arte e o belo” e para Pareyson (2001, p. 5) a experiência estética é

toda vivência “que tenha a ver com o belo e com a arte: a experiência do artista, do leitor, do crítico, do historiador, do técnico da arte e daquele que desfruta de qualquer beleza”.

Sobre a palavra ‘estética’, Zanella et al (2007, p.13) faz a seguinte colocação:

Estética porque mobiliza criação. Estética porque pode sensibilizar apropriações da realidade polifacetada, interpretando-a em suas diferentes formas de apresentação sígnica. Estética porque supera o estésio alçando pensares e fazeres a patamares onde se bricolam inovações.

Estudando alguns autores, podemos perceber que a estética é uma atribuição da experiência com a arte, podendo ser associada entre o que pode ser um objeto estético e o que podemos entender sobre objeto artístico ou obra de arte.

Segundo Pino (2007), Alexander Gottlieb Baumgarten, um dos filósofos que se utiliza da estética no século XVIII, usou a mesma não para se dirigir primeiramente à arte, mas sim para o campo da percepção e sensação humana. Nessa direção, Pareyson (2001), no século XX afirma que a estética se dá com a reflexão sobre a experiência e que é:

[...] um frutífero ponto de encontro, um campo no qual têm direito de falar os artistas, os críticos, os amadores, os historiadores, os psicólogos, os sociólogos, os técnicos, os pedagogos, os filósofos, os metafísicos, com a condição de que todos prestem atenção ao ponto em que experiência e filosofia se tocam, a experiência para estimular e verificar a filosofia, e a filosofia para explicar e fundamentar a experiência. (PAREYSON, 2001, p.10).

Embora existam várias posições para o termo *estética*, podemos perceber em todas elas algo em comum. De acordo com Marin e Oliveira (2005, p.196) “a experiência estética é uma necessidade humana e quase uma urgência na educação atual, em que se busca a re-sensibilização do ser humano como forma de fundar novos valores na sua relação com o ambiente e com o outro”. Por tanto, podemos perceber a importância de utilizarmos essa experiência a ponto de fazer com que a pessoa se estabeleça em algum tipo de coletividade ou grupo cultural, pois, segundo Pino (2007, p.115) “o sentido

estético só emerge no encontro de alguém (sujeito) com alguém (outro sujeito) ou com algo (objeto)”.

Já para Dufrenne (2002), a necessidade do belo é reflexo da necessidade que o ser humano tem de sentir-se no mundo, de maneira que significa a experiência de sua relação profunda com o mundo: “[...] estar no mundo não é ser uma coisa entre as coisas, é sentir-se em casa entre as coisas” (DUFRENNE, 2002, p.25).

Vygotsky (2001) utiliza-se de um termo chamado *catarse*, em relação a estética, ou seja, a arte implicada à dualidade de emoções, tais como sentimentos de dor, prazer, depressão, excitação, fazendo com que na estética ela seja entendida como a complexidade do pensamento e das emoções.

A contradição, a repulsão interior, a superação e a vitória são constituintes obrigatórios do ato estético. (...) A arte implica essa emoção dialética que reconstrói o comportamento e por isso ela sempre significa uma atividade sumamente complexa de luta interna que se conclui na *catarse*. (VYGOTSKY, 2001, p. 345).

Nesse sentido, podemos ver que o termo utilizado como *catarse* por Vygotsky (2001), se dá em decorrência de sentimentos, comportamentos, desejos e transformação da vontade. Quem se utiliza da vivência pela experiência estética, se torna um ser que se mistura entre as coisas, e delas, faz traduções que vão além de conceito. Essa ideia aparece também nos estudos de outros autores.

A educação estética visa o desenvolvimento do homem integral, à constituição do sujeito criativo e volitivo, pois ela é a possibilidade de um sentido estético e ético, que articula razão e sensibilidade à existência cotidiana, na qual a vontade de transformação pessoal e coletiva e a formação dessa vontade sejam um desejo e uma experiência cultural e histórica. (MOLON, 2007, p. 129).

A experiência estética pode acontecer em um determinado momento de relação sensível com o mundo e segundo Campos (2007, p.158) “pode ser compreendida como um movimento contínuo e intenso, onde tudo o mais fica esquecido”.

A partir desses conceitos apresentados brevemente, esta pesquisa procurou conhecer e registrar as oportunidades de experiências estéticas levando em conta a indagação feita por Zanella (2006, p. 33) sobre:

Que possibilidades há para deliberadamente intervir nesses movimentos fugazes, complexos, criativos, reconhecendo ao mesmo tempo as (in)determinações mas não se negando a pensar, enquanto outro, sobre o lugar que se ocupa na intrincada trama dos (des) encontros cotidianos?

Faz-se necessário, no entanto, conhecer alguns conceitos sobre memória e memória cultural, os quais apresentamos no subcapítulo abaixo.

3.3 MEMÓRIA CULTURAL

A memória é a capacidade humana que nos faz reter as experiências do passado, sendo de extrema importância para a construção de identidade de um povo, podendo assim, contribuir para as novas gerações (VON SIMSOM, 2000).

Para Japiassú (1996, p.178) “a memória pode ser entendida como a capacidade de relacionar um evento atual com um evento passado do mesmo tipo, portanto como uma capacidade de evocar o passado através do presente”.

Canton (2009, p. 16) nos diz que “a memória se expande num tempo que toma conta de todo o espaço”. Pode ser individual, quando a pessoa guarda lembranças sobre suas próprias vivências e através de outros meios sociais por onde tenha passado e convivido, como também, memória coletiva, representada por quadros, objetos e livros, por exemplo, entre outros artefatos que passam a ser guardados por uma sociedade ao todo.

Podemos também ver a memória como uma característica predominante em pessoas idosas que passam grande parte do seu tempo recordando etapas e fatos de suas vidas, o que nos leva a pensar que o passado não é exatamente uma prisão.

Segundo Bosi (2001, p.46-47) “a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo ‘atual’ das representações”. A memória possui o poder de trazer o passado à tona, ocupando todo o espaço da consciência. A autora ainda diz que

o passado conserva-se, além de conservar-se, atua no presente, mas não de forma homogênea. De um lado, o corpo guarda esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua

ação sobre as coisas: trata-se da memória-hábito, memória dos mecanismos motores. De outro lado, ocorrem lembranças independentes de quaisquer hábitos: lembranças isoladas, singulares, que constituiriam autênticas ressurreições do passado. (BOSI, 2001, p .48).

Então, segundo Bosi (2001), existem dois tipos de memória e em qualquer caso a memória é, sem dúvida, algo precioso que carregamos para a vida toda, com o objetivo de nos fazer lembrar e guardar tudo que acontece ou já aconteceu. Pollak (1992) fala muito sobre os “lugares” que deixamos guardados em nossas memórias, ligados a lembranças, sejam elas, pessoais ou não. Lembranças essas, que por um algum motivo foram muito marcantes, fazendo com que não exista um tempo cronológico e se tornem independentes da data real em que a vivência se deu.

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade, de coerência, de uma pessoa, de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p. 204).

Com isso, podemos ver a atuação da memória que emerge continuamente através do já vivido, podendo ser reconstruída consciente ou inconscientemente.

Já a memória histórica constitui um fator de identificação humana tornando-se registros de culturas e oportunizando o reconhecimento do que nos distingue e nos aproxima, uns aos outros. Wehling (2003, p.13) afirma que “a memória do grupo sendo a marca ou sinal de sua cultura, possui algumas evidências bastante concretas. A primeira e mais penetrante dessas finalidades é a da própria identidade. A memória do grupo baseia-se essencialmente na afirmação de sua identidade”.

A ligação entre memória e identidade é muito profunda, reforçando-se uma a outra mutuamente por meio do contato com objetos, lugares e situações específicas,

Uma vez que a definição da memória cultura depende de uma troca contínua entre os objetos de memória de uma determinada cultura e sua interpretação pelos seus membros, no entanto, é difícil de revelar o resultado como fraude. Memória cultural é simplesmente o

resultado desta interação. É o processo de o que importa, e não sua fixação arbitrária (KLUITENBERG, 1999 p. 3-4).

Sendo que a memória depende também dessa troca de saberes e buscas sobre o já vivido, trago como principal objetivo desta pesquisa, reconhecer a presença das memórias culturais dos idosos do Lar Beneficente São Vicente de Paulo quando realizam experiências estéticas no asilo.

4 INVESTIGANDO AS EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS NO ASILO

A entrevista feita com idosos do Lar Beneficente São Vicente de Paulo é composta por quatro questões sobre dança, canto, artes visuais e uma em relação a todas as questões anteriores. Em cada pergunta, havia mais de um subtítulo. A mesma foi elaborada através de um questionário escrito, porém, as respostas foram todas gravadas e depois transcritas. Foram cinco entrevistados, sendo que as entrevistas foram individuais e cada participante ficou a vontade para me levar em um espaço do Lar que se sentissem melhor para poderem responder.

Comecei perguntando algumas questões a respeito da dança.

Em relação à participação na dança dentro do lar, todos os entrevistados disseram que participam e gostam de dançar. O participante 2 disse que gosta bastante, enquanto o participante 3 disse que pouco participa dessa atividade. A participante 4, por estar em condição de cadeirante, participa dos encontros mas não consegue dançar. Assim como ela, que devido a ser cadeirante não pode dançar, outros idosos comentaram sobre seus estados de saúde, que hoje os impedem de dançarem como antigamente.

Essas respostas nos levam a pensar em qualidade de vida, afinal, mesmo vendo que alguns sofrem com doença, não deixam de lado a sua autoestima e vontade de participar.

Sobre isso, Ribeiro (2001, p.76) diz que:

O nível de qualidade depende dos aspectos do bem-estar, pela possibilidade da fruição. Ao entender gozar a vida, uma pessoa já tem em si bem-estar e algum tipo de qualidade de vida. Uma qualidade de vida só se torna possível se, além dos recursos objetivos, alguém se sente subjetivamente feliz. Ou ainda, se além de sentir-se feliz, uma pessoa obtivesse todos os recursos objetivos que acreditasse serem necessários para manter seu bem-estar, sem tanto tempo perdido com um trivial que delimita sua fruição da vida.

Assim, percebemos que apesar de algumas dificuldades, os idosos conseguem encontrar, através da qualidade de vida estabelecida pelo Lar, uma maneira de serem felizes.

Entre os ritmos preferidos dos idosos está a música gaúcha como a mais citada, seguida de outras como: músicas da jovem guarda, músicas rápidas, o xote e a valsa. A participante 4 afirma gostar de todos os ritmos.

A última pergunta, no âmbito de cada linguagem da arte, buscou conhecer sentimentos e lembranças dos idosos. Nessa direção, Rodrigues (2000, p. 29) diz que “o direito ao passado, à possibilidade de lembrar, o direito à memória faz de cada indivíduo no presente caso, o idoso, um historiador de si mesmo”.

Sobre seus sentimentos e lembranças na hora da dança, o participante 1 diz que sente emoção e alegria; o participante 2 diz que lembra de sua juventude; a participante 4 lembra com alegria do marido falecido. A participante 5 sente-se realizada e livre, pois lembra de quando jovem e comenta sobre a autoridade que seu pai tinha quanto a ela sair de casa para fazer qualquer atividade. Então hoje, ela se diz livre por poder fazer as coisas sem a preocupação de ter o pai por perto impedindo.

Era preciso um acontecimento novo para que o acontecimento antigo ressoasse e tivesse acesso à presença. Ele já estava ali, mas chega repentinamente. É um já-ali que só toma corpo posteriormente. No campo psicanalítico, essa temporalidade organiza não apenas a constituição do sintoma no só-depois, pela vida do recalque, mas também a historização do passado no presente. Esta não pode, efetivamente, assimilar-se à procura de um passado sepulto, que se estagnaria em alguma profundidade, como depósito inconsciente... É também no próprio movimento, pelo qual ele se apreende e se conta como mortal, que o sujeito faz com que seu passado tenha acesso à dimensão da história. Assim a história não pode ser confundida com o passado, nem, aliás, com o vivido. (LE POULICHET, 1996, p. 18).

Destacamos o participante 3 que afirmou trabalhar o corpo na dança *para não cair na preguiça*. Sobre isso, Simões (2006, p. 79) diz que:

Atualmente, observa-se uma mudança, não apenas pelo rápido aumento do número de pessoas idosas, mas porque a maioria delas tem se mostrado corporalmente viva, com disponibilidade a participar de diferentes atividades em diversos setores, com desejo de progredir, com espaços abertos a novas experiências e convivências, enfrentando possíveis doenças crônicas com outros olhos, a fim de permitir substancial melhoria na qualidade de vida e sua inclusão social, gerando uma cultura positiva em relação à velhice.

Nessa parte pude perceber a importância da qualidade de vida para alguns idosos, em especial para o entrevistado.

No segundo momento da entrevista com relação à cantoria, todos os idosos afirmaram gostar de cantar, embora o participante 1 diz ser desafinado e a participante 5 diz não ter voz.

A participante 4 participa do coral do asilo. Dois participantes preferem cantar sozinhos, uma prefere cantar em grupo e os outros 2 disseram que depende da ocasião. Destacamos o participante 3 que prefere cantar sozinho e diz:

- Eu cantei muito na minha vida quando era novo, agora só sei a metade das músicas.

O esquecimento é uma das principais questões colocadas na clínica com idosos, sendo que os chamados “problemas de memória” configuram uma queixa muito comum. É difícil encontrar um idoso que não se queixe de esquecimentos, que pode ir desde à clássica situação da “panela esquecida no fogo”, até algumas situações mais extremas, como certos “apagamentos” e “lapsos”. (PALMEIRA, 2008, p.38)

Entre as músicas preferidas estão as músicas do cantor Leonardo e as músicas antigas como: Beijinho doce, Adeus mariana e boleros. O participante 1 respondeu:

- Eu gosto da música popular brasileira, música gaúcha e gosto da sertaneja. Mas a sertaneja pura, não a sertaneja universitária, pra mim não vale nada.

Todos gostam de cantar com acompanhamentos instrumentais e citaram como preferidos os seguintes instrumentos: teclado, violão, bandolim e gaita. O participante 1 disse que além de gostar do teclado, sabe tocar esse instrumento. A participante 4 não respondeu a questão e em seguida, com um belo sorriso no rosto, começou a cantar um trecho da música Beijinho doce², já citada anteriormente por outra participante:

- um abraço apertado, suspiro dobrado, que amor sem fim.

² A canção foi composta por João Alves dos Santos e foi gravada pela primeira vez em 1945 pelas irmãs Castro, dupla formada por Maria de Jesus Castro e Lourdes Amaral Castro. A canção já teve inúmeras gravações. Em 2008, foi tema das personagens Flora e Donatella, que formavam a dupla sertaneja Faisca e Espoletta, na novela da Rede Globo, A Favorita.

Junto com a entrevistada, havia uma amiga que logo começou a cantar junto. Pude perceber a alegria estampada no rosto da participante 4, no momento em que cantava. Foi um momento único e lindo para mim. No final, quando terminaram de cantar, só me restou bater palmas.

A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afloram depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escola, na escada, no jardim, ou na despedida no portão. Muitas passagens não foram registradas, foram contadas em confiança, como confidências. Continuando a escutar ouviríamos outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito. (BOSI, 2001, p.39).

Sobre suas lembranças e sentimentos ao cantar, o participante 1 lembra de sua juventude e o 2 de uma pessoa que gosta. O participante 3 disse:

- É um momento, dizem que a pessoa quando canta, reza duas vezes. É o momento de a gente se distrair, pegar bom gosto.

Essa resposta converge para o que diz a participante 4 quando afirma que o ato de cantar lhe faz lembrar de missas, de momentos de rezas.

Podemos perceber aqui que a fé tem sido um elemento responsável pela superação de momentos difíceis que os idosos enfrentam por um determinado motivo em suas vidas.

Nesse sentido Libâneo (2002, p. 130) resume o pensamento de Schleiermacher: “a religião é do coração [...]. Habita o mundo da intimidade, do sentimento, da piedade, algo existencial. Não se entenda o sentimento como algo puramente psicológico. É mais”.

Em seguida, destacamos a participante 5, que diz o seguinte a respeito de seus sentimentos e lembranças:

- Eu lembro da minha juventude. A cigarra, a cigarra canta tão bonito ne?[..]

Para Dewey (1980, p. 84), “não há na percepção, [...], tal coisa como o ver ou ouvir e mais emoção. O objeto ou o cenário percebidos ficam completamente penetrados emocionalmente”.

E a participante 5 continua dizendo:

-A gente tinha o grupo das moças. Era só de moças virgens. Aié como uma congregação, irmandade, uma atividade da igreja. A gente se dedicava muito a Nossa Senhora. E mensalmente a gente tinha uma missa comunhão geral. [...] Então eu lembro dessas coisas passadas, boas, gostosas.

A manifestação religiosa tem-se tornado, cada vez mais, uma opção pessoal que pode ser alterada durante a vida. Em pleno século XXI, o ser humano continua procurando a alternativa da fé para resolver seus problemas, expressar seus sentimentos e ativar a memória coletiva. (PASSOS, 2002, p. 165).

Percebemos muito a ligação de pessoas idosas com a religião e podemos notar a admiração e o respeito que eles possuem. Dessa maneira, Portal (2004, p.72) afirma a seguinte frase “A vida é uma inteira jornada iluminada pelo sol da consciência espiritual”.

Dando continuidade à entrevista, questionei cada participante sobre sua experiência em relação ao desenho e à pintura. A maioria disse que não gostava e se gostava era muito pouco; com exceção da participante 4 que disse não poder desenhar, devido a problemas de saúde com a mão, mas falou que tinha *tudo guardado no coração* e que já desenhava muito quando podia. O participante 3 disse :

- Aqui no asilo a gente tinha umas tarefas antigamente, que era pintar, contornar as figuras. Eu fazia muita maquete de casa.

Perguntei então:

Mas por que o senhor fazia maquetes?

-Eu trabalhava em construção. Depois eu vou te mostrar uma coisa que eu bolei. Quando eles fizeram o asilo, ficou um negócio mal acabado ali na área, então eu que tive a ideia de fazer aquilo ali.

Na fala acima o entrevistado se refere ao tempo em que chegou na instituição e percebeu um local que necessitava de reforma. Na época, o participante 3 ajudou a projetar e executar os serviços.

De acordo com Amendola (2000), os símbolos da cultura material estabelecem uma relação ora consciente e às vezes inconsciente *com* o passado, e observamos esse fato durante a entrevista. Um dos participantes disse que quando desenhava, desenhava flores, pois achava mais chamativo e

alegre. E o participante 5, apesar de não gostar de desenhar e pintar, disse preferir desenhos coloridos.

Assim, conversando com os idosos foi possível reconhecer que:

na vivência estética plasmada naquele contexto, sentidos vários foram criados para o que foi, o que é e o que pode vir a ser, que considerando a pluralidade e imprevisibilidade da existência humana, certamente não se objetivarão em “uma flor já sabida, mas ao que pode até ser flor se flor parece a quem o diga”. (ZANELLA, 2006, p. 43)

A vivência estética a que se refere a autora na citação acima, consistiu em uma série de encontros denominados por ela de ‘Oficinas estéticas’ desenvolvidas com professores do ensino público fundamental na cidade de Florianópolis por meio da extensão universitária, que também pode-se considerar educação em espaços não formais.

Essa proposta reforça a relevância desta pesquisa, desenvolvida em um asilo e abre possibilidades para a projeção de um curso, que apresento a seguir.

5 PROJETO DE CURSO: EXPERIENCIANDO ENCONTROS COM A ARTE NO ASILO

Introdução/Justificativa

Após a análise de dados percebi a grande oportunidade que os idosos possuem para poderem resgatar suas memórias culturais e o quanto isso é importante para cada um dos moradores do Lar Beneficente São Vicente de Paulo.

Pude ver também, o quanto a arte dentro desses espaços acaba ganhando uma enorme dimensão tornando-se cada vez mais simples e fascinante.

Sendo assim, proponho um curso para os diretores de asilos do estado de Santa Catarina, para divulgar a relevância dessa temática que é muito importante. Na medida em que todas as instituições reconhecerem essa importância e viabilizarem experiências estéticas para os idosos, teremos contribuído para que um novo jeito de ver o mundo possa se desenvolver dentro dessas instituições.

Objetivo Geral

Despertar nos diretores, a reflexão sobre a importância da vivência pela arte dentro das instituições e a conscientização do quanto isto é importante na vida de cada idoso no que se refere à qualidade de vida de cada um.

Objetivos Específicos:

- Reconhecer que o contato com a arte é fundamental para a qualidade de vida dos idosos.
- Valorizar as experiências estéticas para os idosos dentro dos asilos.

Proposta de carga horária: 10h

Público-alvo: Diretores de instituições asilares.

EMENTA: Arte. Idoso. Memória Cultural. Experiências estéticas.

METODOLOGIA

A palestra será realizada no Teatro Municipal Celia Belizari, no município de Araranguá- SC. Será feita uma divulgação por meio da rádio da cidade e através de convites enviados via correio diretamente a cada instituição asilar do estado de Santa Catarina.

No primeiro momento da palestra, apresentarei o referencial construído para este trabalho de conclusão de curso, antes e durante a pesquisa dentro do Lar Beneficente São Vicente de Paulo e abordarei a importância da arte dentro das instituições. No segundo momento, levarei a análise dos dados obtidos por meio das entrevistas com os idosos em meu trabalho, dando mais foco ao tema e fazendo com que os diretores reflitam mais sobre essa possibilidade de trabalhar com os idosos.

Em seguida, darei espaço para perguntas e opiniões a respeito do assunto, oportunizando a troca de experiências entre os diretores.

Referências:

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos..** 9.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 484 p. ISBN 85-7164-393-8

ZANELLA, Andréa V. et al. Olhares e traços em movimento: análise de uma experiência estética em um contexto de formação continuada de professoras(es). In ZANELLA, Andréa V. et al (org.). **Educação estética e constituição do sujeito:** reflexões em curso.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Findada a pesquisa, posso reconhecer o ser humano inexplicável que é o idoso. São seres capazes de nos fazerem aprender sobre a vida, de uma maneira singela e admirável. Posso dizer que são professores da vida.

A fundamentação teórica trouxe o quanto essas pessoas são fundamentais para a sociedade e trouxe muitos motivos de reflexão para que possamos carregar conosco a partir de hoje, e levarmos aos idosos, mais formas de interpretar a vida, através da arte e das experiências estéticas que ela pode nos oportunizar.

A pesquisa de campo foi a parte mais importante para mim, pois naquele momento pude ficar a sós com cada entrevistado. Cada um me levou no seu “cantinho” preferido dentro do lar. Em muitos momentos das entrevistas, minha vontade era de chorar, mas não um choro de tristeza e sim de muita felicidade, afinal, eu estava diante de meu futuro espelho.

Em cada pergunta, uma resposta simples e sincera. Ninguém ali estava forçado a nada, percebia-se o prazer imenso e a importância que eles sentiam no momento da entrevista.

Tenho certeza que atingi meu objetivo, pois encontrei nessa instituição asilar a arte. Pude ver que todos os idosos têm espaços para resgatar suas memórias culturais nos momentos de experiências estéticas por meio dos encontros com a música, com a dança e com as artes visuais. Nota-se em cada um suas vagas lembranças, seus olhares com fé, seus corpos já cansados, porém com uma enorme vontade de viver.

Partindo do princípio de que arte é fundamental dentro dos asilos, podemos levar essa ideia adiante, tornando-a objetivo fundamental dentro de qualquer outra instituição desse meio. Assim, os idosos, poderão realizar suas experiências estéticas e assim deixar que elas contribuam para sua melhoria de vida.

Ainda que muitas instituições deixem de lado o tratamento adequado pude perceber que o Lar Beneficente São Vicente de Paulo, busca a felicidade para seus idosos, com muito respeito e carinho.

Essa pesquisa me serviu como uma lição de vida. Passar na frente da instituição quase todos os dias e apenas ver aqueles idosos, jamais será como entrar e poder conversar com eles.

Sabe quando você entra em um circo e as cortinas estão todas fechadas? Pois bem, ao se abrirem, dá-se início a um novo espetáculo, e a cada espetáculo, uma nova surpresa.

Para mim, é o que eles são. Um, o eterno palhaço, o outro, o bailarino, o trapezista, o mágico, porém todos são mestres da vida.



REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. Trad. Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- AMENDOLA, Giandomenico. La ciudadpostmoderna. Espanha: Celeste, 2000.
- ARAUJO, C. L. O. ; SOUZA, L. A. ; FARO, A. C. M. E. . Trajetória das instituições de longa permanência para idosos no Brasil. *HERE Revista eletrônica história de Enfermagem*, v. 1, p. 250-262, 2010.
- BARTHOLO, M.E.C. **No último degrau da vida: um estudo no silo Barão de Amparo, no município de Vassouras**. Vassouras: Revista de Mestrado em História , 2003.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos..** 9.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 484 p. ISBN 85-7164-393-8
- BRASIL, Estatuto do idoso. Redação final do projeto de lei da câmara nº 57, de 2003 (nº 3.561, de 1997, na casa de origem) – Art.20.
- BRASIL. Estatuto do idoso. Série E. Legislação de Saúde. Brasília, 2009 – Art. 3.º
- BRANDÃO, Carlos R.A. **A educação como cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BUORO, A. B. **O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola**. São Paulo: Cortez, 1996.
- CANTON, Katia. **Tempo e Memória: Temas da Arte Contemporânea**. Ed. Martins Fontes, São Paulo, 2009
- CAMPOS, Neide P. de Campos. A construção do olhar estético-crítico do educador das séries iniciais do Ensino de Campos. In ZANELLA, Andréa V. et al (org.). **Educação estética e constituição do sujeito: reflexões em curso**. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2007. p.101-120.
- DEWEY, J. A arte como experiência. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os Pensadores)
- DUFRENNE, Mikel. **Estética e filosofia**. 3. ed São Paulo: Perspectiva, 2002. 266 p. (Coleção debates 69) ISBN 8527301369
Educação estética e constituição do sujeito: reflexões em curso. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2007. p. 121-130.
- FALCÃO, A. **Museu e escola: educação formal e não-formal**. In: BRASIL : Coleção Salto para o Futuro. Ano XIX – Nº 3 –ISSN 1982 - 0283 – Maio/2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

GOHN, M. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

GOLDENBERG, Mirian. A Arte de Pesquisar. **Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8ª. Ed. – Rio de Janeiro: Record, 2004.

JAPIASSÚ, Hilton & MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de Filosofia**. 3.ed. ver. E ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 1996.

KLUITENBERG, Erick. **A política da memória cultural**. Frankfurt a / M & New York: Stephen Kovats, ed. Bauhaus, 1999.

LAR BENEFICENTE SÃO VICENTE DE PAULO. **Nossa história comunidade do Lar Beneficente São Vicente de Paulo**. PNSL, Araranguá, 2006.

LE POULICHET, Sylvie. **O tempo na psicanálise**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1996.

LIBÂNIO, João Batista. **A religião no início do milênio**. São Paulo: Loyola, 2002.

MARIN, Andréa A; OLIVEIRA, Luiz C. B. de. **A experiência estética em dufrenne e quintás e a percepção de natureza**: para uma educação ambiental com bases fenomenológicas. Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient. ISSN 1517-1256, Volume 15, julho a dezembro de 2005

MOLON, Susana Inês. Constituição do sujeito volitivo e criativo: educação estética em Vygotsky. In: ZANELLA, Andréa Vieira (Org.).

OLIVEIRA, Camila R. M. de. et al. **Idosos e família**: asilo ou casa. 2006. Disponível <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0281.pdf>, acesso em 05 de outubro de 2012

PALMEIRA, Clarice G. **Reflexões sobre a questão do esquecimento na velhice**. Práxis e formação, UERJ, Rio de Janeiro, ano 1, p. 37-45, 2008.

PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética**. Trad. Maria Helena Nery Garcez. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PARREIRA, Lúcia A; JOSÉ FILHO, Pe. M. **A educação não formal**: Desafios de uma prática pedagógica. Serviço Social & Realidade, Franca, v. 19, n. 1, p. 241-268, 2010

PASSOS, Mauro. **O catolicismo popular: o sagrado, a tradição, a festa**. In: _____ . A festa na vida: significado e imagens. Petrópolis: Vozes, 2002.

PEREIRA, Eli V. **O idoso e a qualidade de vida**. Araranguá, 2011

PINO, Angel. Educação estética do sentimento e processo civilizador: um ensaio sobre estética e semiótica. In ZANELLA, Andréa V. et al (org.).

Educação estética e constituição do sujeito: reflexões em curso. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2007. p.101-120.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos históricos, Rio de Janeiro. v.5, n 10, 1992, p. 200-212.

PORTAL, Leda Lísia. **Espiritualidade: uma dimensão essencial na experiência significativa da vida**. In: TEIXEIRA, Evilázio F. B.; MÜLLER, Marisa C.; SILVA, Juliana D. T. da. Espiritualidade e qualidade de vida. Porto Alegre: Edipurcs, 2004.

RIBEIRO, Cláudio. **A felicidade do possível**. Rio de Janeiro: Edições Academia, 2001.

RODRIGUES, C.L. **O homem de pijama o imaginário masculino em relação a aposentadoria**. 2000. Dissertação (Mestrado em Gerontologia), Pontífca Universidade Católica de São Paulo, SP.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. 3. ed. Florianópolis: UFSC, 2001.

SIMÕES, R. (re) quebrando e (re) bolando padrões com o idoso. in:GAIO, R.; BATISTA, J.C.de F. **A Ginástica Em Questão: corpo e movimento**. Ribeirão Preto: Tecmed, 2006

TERRA, Newton Luiz; DORNELLES, Beatriz. **Envelhecimento bem-sucedido**. 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003

UNESC. Normas para elaboração e apresentação de tcc do curso de artes visuais – licenciatura. Criciúma, 2009.

VIEIRA, Eliane Brandão. **Manual de Gerontologia: Um guia teórico-prático para profissionais, cuidadores e familiares**. Rio de Janeiro: Revinter, 1996.

VON SIMSOM, Olga Rodrigues de Moraes. Memória, Cultura e Poder na Sociedade do Esquecimento, In: FILHO, Luciano Mendes de Faria. (Org.). **Arquivos, fontes e novas tecnologias**. Campinas: Autores Associados: 2000.

VYGOTSKY, Lev S. Psicologia Pedagógica. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ZANELLA, Andrea V. **Pode até ser flor se flor parece a quem o diga: reflexões sobre Educação Estética e o processo de constituição do sujeito**. In: ZANATTA,

ZANELLA, Andréa V. et al. **Olhares e traços em movimento**: análise de uma experiência estética em um contexto de formação continuada de professoras(es). In ZANELLA, Andréa V. et al (org.). **Educação estética e constituição do sujeito**: reflexões em curso.

ZANIN, Vilma Pereira Martins. **Arte e educação**: um encontro possível. *Revista Científica da Universidade do Oeste Paulista – Unoeste*, 2003. Disponível em: <http://www.webearte.net/artigos_arteeducacaooumencontropossivel.htm> Acesso em: 05 de outubro de 2012
2 jul. 2008.

WEHLING, Arno & WEHLING, Maria José. **As estratégias da memória social**. (In, *Brasilis: revista de história sem fronteiras*) Rio de Janeiro: Editora Atlântida, Ano 1 nº1, 2003).

APÊNDICE(S)

APÊNDICE A – perguntas aplicadas aos entrevistados**DANÇA**

O senhor(a) participa do encontro de dança? O senhor(a) gosta de dançar? Qual seu ritmo preferido para dançar? O que o senhor(a) sente ou lembra quando está dançando?

CANTORIA

O senhor(a) gosta de cantar? Qual seu tipo de música preferido? Prefere cantar em grupo ou sozinho? Gosta de acompanhamento de instrumentos? Qual seu instrumento musical preferido? O que o senhor(a) sente ou lembra quando está cantando?

ARTES VISUAIS

O senhor(a) gosta de desenhar e pintar? Quando desenha, o que você desenha? Você prefere desenhos coloridos? Por que? O que o senhor(a) sente ou lembra quando está desenhando?

Quando você canta, desenha, dança, pinta, sente-se valorizado pelos professores da casa e pelos colegas? Como você se sente?